



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

Uma possibilidade de leitura do poema “Alongo-me”, de Soares Guiamar, anagramático de Guimarães Rosa



A reading possibility for the poem “Alongo-me”, by Soares Guiamar, anagrammatic of Guimarães Rosa

Átila Augusto Soares VITAL
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 20/04/2021 • APROVADO EM 27/01/2022

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3425>

Resumo

Pouco se fala, no campo dos Estudos Literários, a respeito da obra *Ave, Palavra*, de 1970, na qual João Guimarães Rosa dá à luz poemas sob a sombra de anagramáticos, isto é, autores fictícios, cujos nomes são formados por anagramas do nome do próprio autor. Neste artigo, propusemos uma leitura para o poema “Alongo-me”, de Soares Guiamar, o primeiro desses anagramáticos, lançando mão dos caminhos inicialmente abertos pela dissertação de Rossi (2007) e pela abordagem fenomenológica de Roman Ingarden, complementada por Ramos (2011). Com isso, em diálogo com a ideia de originalidade primitiva da linguagem, de Paz (1982), pudemos perceber que a própria disposição dos versos e das rimas do poema – os estratos óptico e fônico – reforçam os temas de nascimento e morte, dos quais ele trata, já que há o uso de versos longos (amadurecidos), projetados à direita, que desembocam em versos curtos (recém-nascidos), reiterando, por meio da própria imposição material da linguagem, o movimento cíclico da vida e da morte.

Abstract

Little is reported, in the field of Literary Studies, about the book *Ave, Palavra*, from 1970, in which João Guimarães Rosa gives birth to poems under the shadow of anagrams, that is, fictional authors, whose names are formed by anagrams of name of the author himself. In this article, we propose a reading for the poem called "Alongo-me", by Soares Guimamar, the first of these anagrammatics, using the path initially opened by Rossi (2007) and the phenomenological approach of Roman Ingarden, complemented by Ramos (2011). Also in dialogue with the idea of primitive originality of language, by Paz (1982), we saw that the disposition of the poem's verses and rhymes – the optical and phonic strata – reinforce the themes of birth and death, since there is the use of long (matured) verses, projected on the right, which end in short verses (newborns), reiterating, through the material imposition of language, the cyclical movement of life and death.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Alongo-me. Guimarães Rosa. *Ave, Palavra*. Anagramáticos.

Keywords: Alongo-me. Guimarães Rosa. *Ave, Palavra*. Anagrammatics.

Texto integral

*O rio nasce
Toda a vida.
Dá-se
ao mar a alma vivida.
A água amadurecida,
a face
ida.
O rio sempre renasce
A morte é vida.*

("Alongo-me", Guimarães Rosa)

AVE, PALAVRA: UMA OBRA NASCIDA DA/NA MODERNIDADE LATINO-AMERICANA

Os séculos XIX e XX inauguram muitas concepções acerca do indivíduo, das sociedades e das artes, de maneira geral. No campo da psiquê, com a teoria psicanalítica de Freud, o ser humano se vê tripartido, fragmentado, diferentemente do que se concebia em períodos anteriores à modernidade (FREUD, 1978). Extravasando os limites da psicanálise, os ecos dessas concepções influenciaram as relações humanas no contexto social da modernidade. Ao longo das últimas décadas, as ideias que se mostravam sólidas e bem fundamentadas foram constantemente colocadas contra a parede. A cada dia, uma nova invenção tecnológica torna as anteriores obsoletas, cercando cada vez mais o indivíduo moderno, cidadão, de redes televisivas e canais de rádio, através dos quais se estabelece contato com todas as regiões do globo. As contradições socioeconômicas são cada vez mais acentuadas nas periferias do capitalismo. Assim, como argumenta José César Machado de Paula (2009), em seu capítulo

sobre o conto “As margens da alegria”, o sujeito latino-americano moderno, ao contrário do europeu, “não se define pela ideia de perpetuação de uma origem atávica” (PAULA, p. 111, 2009), mas sim por uma certa maleabilidade e fragmentação.

Hoje, com o surgimento da pandemia de COVID-19, o isolamento individual faz com que a solidão se mostre mais presente do que nunca. A ideia de coletividade, que já havia sido perdida nas complexidades do capitalismo, dá lugar à individualidade e ao confinamento. Nesse sentido, a literatura ocupa papel central na vida de indivíduos confinados, haja vista que é por meio dela que, no atual momento, somos capazes de alcançar novos mundos e novas realidades, ainda que ficcionais. Esta situação, apesar de todos os seus males, pode abrir alas a uma avenida de (re)descobertas de obras e autores considerados clássicos em nossa literatura. Este é um dos objetivos deste trabalho: redescobrir e esmiuçar um dos poemas de uma obra marginal do consagrado escritor mineiro João Guimarães Rosa.

Como bem organiza Rossi (2007), em sua dissertação sobre as poesias de Rosa, ao longo de todos esses processos dos séculos XIX e XX, a própria literatura também passa por grandes mudanças. Foi no âmago desse borbulhar contínuo que se deu a produção dos textos que compõem a obra sobre a qual nos debruçaremos neste trabalho: o poema “Alongo-me”, da coletânea *Ave, Palavra*, publicada após a morte do autor, em 1970. Assim como boa parte da produção em versos de Guimarães Rosa, os poemas de *Ave, Palavra* foram pouco explorados pela crítica, tendo sido um tanto embotados pelas obras em prosa do escritor – *Grande Sertão: Veredas* (1956), *Sagarana* (1946), *Primeiras Estórias* (1962) – as quais já contam com extensas cargas poéticas, aliadas a um tratamento único da linguagem. Dessa forma, poucos são os trabalhos acadêmicos que voltam seus olhares aos poemas rosianos, lendo-os um a um, atribuindo a eles o reconhecimento que merecem.

O LIVRO, O POEMA E SEU(S) AUTOR(ES)

Em relação ao poema escolhido, conjecturamos que, por mais que seu tamanho seja modesto, por detrás de seus versos ondulantes e sua forma escondem-se sentidos que podem dialogar com o caráter “miscelâneo” da obra de que faz parte, ao mesmo tempo em que traz à tona temas como o fluxo do rio, o (re)nascimento e a morte, sempre presentes nos textos de Guimarães Rosa. Assim, o comentário, a análise e a interpretação podem parecer simples à primeira vista, mas, ao contrário, tornam-se complexos à medida que nós, leitores, percorremos o labirinto de sua construção.

Antes de propormos uma leitura, é imprescindível introduzir o autor anagramático de “Alongo-me”: Soares Guiamar. De acordo com o artigo de Brito (2012), Soares Guiamar aparece, inicialmente, nos textos escritos por Guimarães Rosa para o jornal *O Globo*, no ano de 1961, assim como Meuriss Aragão e Sá Araújo Ségrim. Todos os três nomes são formados por anagramas do nome do próprio autor empírico – João Guimarães Rosa; daí o termo “anagramáticos” para nos referirmos a eles. A coletânea de textos de *O Globo* foi publicada postumamente em *Ave, Palavra*, construindo uma obra com reconhecida variedade formal, reunindo “contos, poesias, notas de viagem, diários, flagrantes, reportagens

poéticas, meditações, poemas dramáticos e reflexões filosóficas”, como bem diz a contracapa do exemplar de 1985, da editora Nova Fronteira. Brito (2012) deixa claro que o uso de máscaras anagramáticas em Guimarães Rosa não configura um movimento heteronímico, tal qual em Fernando Pessoa. Isso acontece porque, segundo a pesquisadora, diferentemente dos heterônimos do escritor lusitano, os anagramáticos de Rosa se mostram menos complexos. Essa diferença, entretanto, fornece também outra riqueza de sentido aos textos dos autores-anagramas. Conforme dissemos, por seus nomes serem formados pela matéria-prima do nome de João Guimarães Rosa, Brito (2012) chama atenção para o fato de não haver um ocultamento completo do autor empírico, que transparece por entre os anagramas. Nesse sentido, a estratégia de composição de máscaras metapoéticas gera um efeito de reflexão sobre o próprio fazer poético, tanto no nível do autor empírico quanto no nível de seus anagramáticos ficcionais.

Dessa forma, carregando as marcas de um tempo fragmentado, a própria obra se mostra formalmente segmentada, além de ser escrita por autores múltiplos, os quais compõem, na forma de anagramas, a identidade de João Guimarães Rosa. Para dar início às coletâneas poéticas de cada anagramático, há sempre um tímido esboço acerca de suas personalidades. Para Soares Guiamar, encontramos a seguinte escritura: “De Soares Guiamar – despercebido, impresso, inédito, fora-de-moda – que queria livro, o *‘Anagramas’*, e disse palpites: Ser poeta é já estar em experimentada sorte de velhice. Toda poesia é também uma espécie de pedido de perdão” (ROSA, 1985, p. 58). Com essa espécie de comentário acerca de nosso autor-anagrama, daremos início a um dos caminhos de leitura para seu poema “Alongo-me”.

Conforme argumenta Érica Rossi (2007), as poesias de Soares Guiamar caracterizam-se pela impessoalidade e por seu caráter popular. Com isso, Guimarães Rosa reúne no eu lírico de Guiamar assuntos que vão ao encontro de reflexões sobre a condição humana, as quais são apresentadas em “Alongo-me” sob a ótica da inexorável passagem do tempo, sugerindo uma espécie de diálogo com a descrição que abre o capítulo das poesias do primeiro anagramático. Assim, num início que faz referência à incessante correnteza do rio – “O rio nasce / toda a vida” –, produz-se uma ambiguidade estrutural, já que assim como o rio sempre nasce, dele também nasce “toda a vida”. Desse ambíguo nascimento, “Dá-se / ao mar a alma vivida”, num movimento de desembocadura da água do rio (e sua alma) no oceano.

Portanto, o poema propõe um permanente fluxo de nascimento e morte das águas dos rios – da nascente até a foz – completando o que nas aulas de Ciências do ensino secundário se convencionou chamar de “ciclo das águas”. Essas águas, após percorrerem grandes distâncias em seus leitos, fazendo nascer a vida ao seu redor, completam o seu ciclo nos oceanos. Esse desagüamento, representando em nossa leitura a morte das águas, é seguido de um renascimento, iniciando um novo ciclo, inexoravelmente. Assim, temos os últimos versos: “A água amadurecida, / a face / ida. / O rio sempre renasce / A morte é vida”.

Agora, partindo para análises dos estratos fônico e óptico, nos termos de Ramos (2011), teceremos caminhos sinuosos de análise, mas que confluem para interpretações complementares de “Alongo-me”. Mesmo numa leitura desatenta do pequeno poema, podemos perceber as características de seu esquema métrico,

composto por rimas consoantes que ora se alternam, ora se encontram emparelhadas. À vista desarmada, o leitor poderia considerar o poema completamente desorganizado no que diz respeito à estrutura métrica, melódica e rítmica. No entanto, numa tentativa de unir as estruturas estéticas da obra, tentaremos esboçar interpretações que sustentem justamente o contrário: o fato de que a aparente desorganização métrica gera, numa estrutura mais oculta, uma organização magistral e um domínio do fazer poético. Para facilitar a compreensão, reescrevemos os versos da seguinte forma:

O rio nasce	A
toda a vida.	B
Dá-se	A
ao mar a alma vivida.	B
A água amadurecida,	B
a face	A
ida.	B
O rio sempre renasce	A
A morte é vida.	B

Percebemos que dos versos 1º ao 4º, as rimas são alternadas ABAB. Curiosamente, no 5º verso, há a repetição da rima imediatamente anterior, emparelhando as rimas BB para, em seguida, continuar a alternância ABAB até o final do poema. Ao considerarmos o assunto sobre o qual discorre o eu lírico de Guiamar, é possível encontrarmos sentido para o emparelhamento das rimas dos versos 4º e 5º. No quarto verso, quando o eu lírico já retrata a água dada ao mar após o seu nascimento, inicia-se um novo ciclo, mas, agora, começando de um outro ponto: o próprio mar. Assim, a água reinicia seu curso e, junto dela, ecoando o movimento de recomeço no próprio estrato fônico do poema, a rima se reinicia desse mesmo ponto, emparelhando o quarto e o quinto versos – o primeiro, representando o final do ciclo e, o segundo, o ciclo que se inicia daquele mesmo lugar.

Em seguida, nossa análise contemplará o estrato óptico, categoria proposta por Maria Luiza Ramos como complemento às proposições fenomenológicas de Roman Ingarden para o estudo das obras literárias. De acordo com a Professora,

“os versos se distribuem no papel conforme uma imposição rítmica, às vezes métrica, seguindo, pois, a sua natureza essencialmente acústica. Mas o que os define de modo imediato é a sua feição plástica, a sua realidade espacial numa determinada superfície. Se não fosse por essa circunstância, seria difícil determinar-se a estrutura do poema, principalmente no caso de versos que se acham unidos por efeito de *enjambement*, em que a pausa final quase se anula.” (RAMOS, 2011, p. 65).

Sabendo disso, ao nos voltarmos para a estrutura plástica de “Alongo-me”, percebemos que há versos curtos, com uma ou duas sílabas poéticas, e versos relativamente longos, com cinco ou até sete sílabas poéticas. A disposição, porém, desses elementos na página não se dá de modo desorganizado e caótico. Pelo contrário, defendemos que o poema de Guiamar resplandece sua temática em sua disposição óptica, na medida em que os versos maiores são projetados à direita da página – como que nascidos e amadurecidos – enquanto que os versos menores se mantêm tímidos – recém-nascidos – na linha de início do poema. Dessa forma, como propõe Ramos (2011), a feição plástica de “Alongo-me” salta aos olhos, sugerindo, antes mesmo da leitura, movimentos ondulatórios de vaivém, começo e recomeço, vida e morte.

Ainda a falar das relações entre o estrato fônico e óptico do poema de Rosa e sua dança ondulatória através da página, o eu lírico inicia, no primeiro verso, com uma rima do tipo A – **nasce** – e fecha, no último verso, com uma rima do tipo B – **vida**, denotando, novamente, a saída e a chegada, a vida e a morte, ambas em pontos diferentes da rima. Complementando esta leitura de maneira igualmente elegante, o esquema métrico estabelecido no primeiro verso é do tipo 4 (2, 4), variando tanto as sílabas quanto as tônicas ao longo dos próximos versos, mas retomando, no final, ao mesmo esquema inicial, isto é, 4 (2, 4). Assim, o primeiro e o último versos se diferenciam na rima, mas, num movimento magistral, que denota a realidade circular do poema, os dois versos se igualam no esquema métrico, incorporando formalmente a ideia do recomeço, mas em lugares diferentes.

Dessa forma, temos o primeiro verso com o seguinte esquema rítmico:

O/ **ri**/ o/ **nas**/ ce 4 (2, 4)

Destacadas, encontram-se as sílabas tônicas. Esse esquema será completamente mudado ao longo dos próximos versos, voltando a se repetir apenas no último:

A/ **mor**/ te é/ **vi**/ da 4 (2, 4)

Conforme ressaltamos, temos a manutenção do esquema rítmico 4 (2, 4) em composição com as rimas diferentes, sendo do tipo A no primeiro verso, e B no último. Não seria exagero, portanto, considerarmos também os sentidos das palavras que compõem esses dois versos: “rio”, “nasce”, “morte” e “vida”. É de se notar que toda a estrutura temática de “Alongo-me” se assenta no entorno desses quatro termos, os quais marcam presença no primeiro e último versos.

Ainda a respeito do esquema rítmico, conforme pontuamos anteriormente, Rossi (2007, p. 79) considera que “Alongo-me” encontra-se “desestruturado no que diz respeito à metrificação”. Concordamos em parte com essa afirmação, uma vez que, como vimos, a desestruturação nos versos isolados gera uma estruturação no todo, transpassando a metrificação verso-a-verso, e criando um balanceio único, refletindo as pitadas modernistas graciosamente empregadas pelo poeta. Dessa mudança estrutural, abrem-se espaços para o brilho de outros aspectos da obra, como é o caso do estrato óptico, das rimas consoantes, aliterações, entre outros.

Num processo ainda não explorado neste trabalho, o título do poema chama-nos atenção, uma vez que, como já mencionamos anteriormente, a poesia do anagramático Soares Guimamar caracteriza-se pela impessoalidade. Entretanto, o título de nosso poema já se inicia com a imposição de um “eu” que, posteriormente, se ofusca no desenrolar dos versos: “Alongo-me”. Com um verbo marcado pelo pronome enclítico, o termo exibe um enunciador que toma a (primeira) palavra do poema e, num lapso, desaparece nos versos. De um ponto de vista fônico, inicialmente, a expressão “alongo-me” mantém em suspensão a nasalidade do arquifonema /N/ e do fonema /m/, a qual é assimilada pelas vogais /o/, alongando a realização da palavra. Por outro lado igualmente curioso, a própria escolha da ênclise já configura, por si só, uma tentativa de alongamento da palavra, sugerindo uma continuação não apenas sonora, mas da própria matéria da palavra na página. Esse alongamento, como vimos, é, de certo modo, continuado ao longo do poema na medida em que a vida se mostra, como no último verso, um alongamento posterior à morte, num ciclo sinuoso e incessante de vaivém.

Conforme veremos a seguir, combinados, esses aspectos fazem com que a linguagem poética se aproxime cada vez mais de uma originalidade primitiva, explorando os significados latentes da própria palavra.

A ORIGINALIDADE PRIMITIVA DA LINGUAGEM EM “ALONGO-ME”

Após essa demonstração das possibilidades de leitura do poema rosiano, é possível traçarmos um diálogo com uma das várias ideias expostas em *O arco e a lira* (1982), do poeta mexicano Octavio Paz. Segundo ele, no poema “a linguagem recupera sua originalidade primitiva, mutilada pela redução que lhe impõe a prosa e a fala cotidiana” (PAZ, 1982, p. 25-26). A visão de Paz pode ser facilmente percebida após as demonstrações anteriores a respeito do poema estudado, já que, nele, Guimarães Rosa, através da máscara anagramática de Soares Guimamar, cria um eu lírico que coloca em harmonia os estratos fônicos e ópticos, fazendo com que a linguagem chame a atenção sobre si mesma, não apenas representando o mundo, mas recriando-o em versos.

O tratamento estilístico da língua nos textos de Guimarães Rosa já é extensamente debatido na literatura, mas, em especial, uma passagem de sua entrevista a Güter Lorenz nos chama atenção, uma vez que mostra o autor em grande diálogo com o que propõe Octavio Paz acerca da linguagem poética: “[...] quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem”. (ROSA, 1973 *apud* BRITO, 2012). Em trechos anteriores da mesma entrevista, o autor mineiro acrescenta que não se considera um revolucionário da língua, preferindo a categoria de reacionário. Partindo disso, podemos perceber de forma mais clara a similaridade entre os pensamentos de Rosa e Paz, uma vez que compartilham visões parecidas a respeito das particularidades do texto literário, já que, para ambos, há um resgate da originalidade primitiva da linguagem nesses textos, (re)acionando a natureza concreta das palavras. Assim, a partir desse depoimento, é cada vez mais conveniente que apreciemos a composição de “Alongo-me” com base também na proposta de Octavio Paz.

Conforme apresentado nas seções anteriores, os estratos fônico e óptico marcam presença em nossa interpretação, sugerindo possibilidades de leitura que, fazendo jus ao que propõem Paz (1982) e o próprio Rosa, se harmonizam com a autonomia material do poema. Sobre esse feito na poesia, o crítico mexicano exhibe, em seu capítulo “Poesia e poema”, uma coerente analogia, que toma como base a reconquista da natureza pela própria matéria com a qual se produz a arte:

“Assim também ocorre com formas, sons e cores. A pedra triunfa na escultura, humilha-se na escada. A cor resplandece no quadro; o movimento, no corpo, na dança. A matéria, vencida ou deformada no utensílio, recupera seu esplendor na obra de arte. A operação poética é de signo contrário à manipulação técnica.” (PAZ, 1982, p. 26).

Nesse sentido, nos apropriando dos ensinamentos de Paz (1982), a palavra, na poesia, triunfa, reluzindo suas possibilidades de leitura. E é exatamente esse o movimento que observamos em “Alongo-me”. Nele, como vimos, apresentam-se mecanismos que fazem com que a própria matéria da poesia – a palavra – adquira liberdade autônoma, arriscando os mais altos voos interpretativos. A começar pela construção sintática, quase sempre motivo de estranhamento nas obras rosianas, percebemos uma ambiguidade nos dois primeiros versos, pois, como deixamos claro, assim como “o rio nasce / toda a vida”, isto é, incessantemente, dele também “nasce[m] toda[s] a[s] [formas de] vida”. Dessa ambiguidade, as palavras somam significados diferentes dependendo de como suas estruturas são lidas, retornando, na visão de Octavio Paz, ao seu estado original de liberdade.

No estrato fônico, por sua vez, fica mais fácil observarmos o esplendor do ritmo das palavras concatenadas. É justamente neste momento que pudemos descrever a suntuosidade das rimas consoantes, as quais foram dispostas de um modo específico, fazendo ecoar o assunto de que trata o poema – o começo e (re)começo, a vida e a morte. Dessa pomposa disposição das métricas e das rimas, o poema nos chamou a atenção à sua distribuição dos versos na página em branco, os quais, assim como as águas dos rios, nascem e renascem, despertando uma coreografia sinuosa e ondulante no papel – reluzindo a exibição do estrato óptico. Assim, com essa breve retrospectiva analítica, podemos dizer facilmente que todos os estratos de “Alongo-me” encontram-se em perfeita cadência, se prestando ao que Guimarães Rosa propôs na entrevista a Lorenz, sobre sua busca da origem da língua. Em diálogo com Paz, esse fato se dá na medida em que a própria linguagem chama a atenção sobre si mesma, sugerindo inúmeras possibilidades de leitura – seja no campo fônico ou óptico – (re)acionando seu estado de natureza original: a liberdade.

CONCLUÍMO-NOS

Por fim, essa tímida possibilidade de leitura do poema “Alongo-me” pode fazer com que tiremos algumas conclusões, tanto sobre o texto em si quanto sobre o seu lugar na estética rosiana. Ocupando papéis periféricos na obra de Guimarães Rosa, a poesia presente no livro *Ave, Palavra* (1970) carece de observações críticas, sendo, possivelmente, nebulosa justamente pelo fato de ainda não ter sido

completamente descoberta no meio acadêmico. De todo modo, a dissertação de Rossi (2007), bem como o artigo de Brito (2012), se mostram de extrema importância para a abertura de um estreito espaço para o seguimento de estudos e reconhecimento da antologia poética do consagrado escritor mineiro. Como propusemos aqui, partindo desses trabalhos, realizamos a leitura de um dos poemas da obra, na tentativa de avançarmos brevemente os conhecimentos sobre essa poesia que se mostrou, até então, extremamente rica e complexa.

Do ponto de vista fenomenológico, concluímos que por detrás dos versos aparentemente desorganizados, “Alongo-me” esconde uma generosa riqueza estética, através da qual borbulham os temas centrais (e mesmo periféricos) do estilo sertanejo do autor: a vida, a morte, a água e o rio. Dessa forma, podemos reforçar a ideia de que os poemas de *Ave, Palavra* não são meros produtos do acaso, mas ocupam seus lugares na composição literária do autor. Além disso, em consonância com as ideias de Octavio Paz (1982), Rosa se aventura na tentativa de fazer com que a linguagem dobre sobre si mesma, erigindo, através da própria palavra, seu estado de natureza original – o verso, o som, o ritmo e a imagem. Em relação a esses aspectos, pontuamos: a) o estrato fônico, sua (des)organização métrica e suas rimas; e b) o estrato óptico, mostrando que a maneira através da qual os versos se derramam sobre a página ecoa toda a temática do poema, fazendo com que a própria natureza material da língua – as palavras escritas no papel em branco – se torne elemento central para constituição de sentido no texto.

Portanto, representando as marcas de um período fragmentado da modernidade da qual é fruto, “Alongo-me” se apresenta em conciliação com as origens, segundo Paula (2009), maleáveis e deformadas da América Latina. Produto de um dos autores-anagrama, a escritura do poema abre brechas para reflexões metapoéticas, insuflando pensamentos acerca da(s) própria(s) identidade(s) do(s) autor(es) e do eu lírico, trazendo à tona temáticas da morte, da vida e do ciclo, extremamente profundas sobre a (talvez alongada) existência humana no mundo.

Referências

BERMAN, Marshall. Modernidade ontem, hoje e amanhã. In: BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 15-35.

BRITO, Francisca Marta Magalhães de. Aspectos metaficcionais na poética de Rosa e Pessoa: o artifício das máscaras heteronímicas e anagramáticas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, ed. 4, p. 425-429, out/dez 2012.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PAULA, Júlio César Machado de. As margens (finas) da alegria: o desencanto da modernidade em uma narrativa de Guimarães Rosa. In: RAVETTI, Graciela; FANTINI, Marli (Org). *Olhares críticos: Estudos de literatura e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 102-112.

PAZ, Octavio. Poesia e Poema. In: PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 15-31.

RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSSI, Érica Alves. *As poesias de Guimarães Rosa em Ave, Palavra: um caminho de leitura*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 2007.

Para citar este artigo

VITAL, Átila Augusto Soares. Uma possibilidade de leitura do poema “Alongo-me”, de Soares Guimamar, anagramático de Guimarães Rosa. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 10, n. 3, p. 980-989, set.-out. 2021.

O autor

Átila Augusto Soares Vital é estudante do Bacharelado em Letras, com habilitação em Linguística Teórica e Descritiva, pela Faculdade de Letras da UFMG.